

FACHIN, P. R. M.; ESTEVAM, B. B.; CAETANO, M. E. D. *Nas duuidas que se moueram: estudo filológico-linguístico de cartas e procurações dos séculos XIV, XV e XVI. ReVEL, vol. 17, n. 32, 2019. [www.revel.inf.br*

NAS DUUIDAS QUE SE MOUERAM:
ESTUDO FILOLÓGICO-LINGUÍSTICO DE CARTAS E PROCURAÇÕES DOS
SÉCULOS XIV, XV E XVI

*Nas duuidas que se moueram: a philological and linguistic study of letters and POA's
from the 14th, 15th e 16th centuries*

Phablo Roberto Marchis Fachin¹

Beatriz Brizola Estevam²

Maria Eugênia Duque Caetano³

phablo@usp.br

beatriz.estevam@usp.br

maria.caetano@usp.br

RESUMO: Neste artigo, apresenta-se uma pesquisa filológica com viés histórico-linguístico, que se enquadra no âmbito dos Projetos *Fontes para a História da Língua Portuguesa: edição de manuscritos dos períodos médio e clássico* e *História do Português Paulista*, ambos desenvolvidos na Universidade de São Paulo. Realizaram-se a leitura, transcrição e edição semidiplomática de documentos manuscritos portugueses, cartas e procurações, produzidos entre os séculos XIV e XVI, correspondentes ao período conhecido como Português Médio, e a análise de dados linguísticos presentes nos manuscritos, de modo a contribuir com os estudos sobre a história da língua portuguesa e sua periodização. Buscam-se resultados que sejam comparados aos que já existem, de modo a ampliar o material de análise disponível para o estudo do Português Médio e da periodização da língua portuguesa. Ressalta-se a importância de conhecer os textos e seus materiais, pois apenas com esse conhecimento é possível também se conhecer a sua história.

PALAVRAS-CHAVE: Filologia Portuguesa; Linguística Histórica; Periodização do Português; Português Médio.

¹ Professor Doutor; Universidade de São Paulo – USP.

² Iniciação Científica (FAPESP); Universidade de São Paulo – USP.

³ Iniciação Científica (CNPq); Universidade de São Paulo – USP.

ABSTRACT: In this article, we present a philological research with a historical-linguistic bias which fits into the projects *Fontes para a História da Língua Portuguesa: edição de manuscritos dos períodos médio e clássico* e *História do Português Paulista*, both of them developed in the University of São Paulo. This research aimed at reading, transcribing and making a semidiplomatic edition of Portuguese manuscripts documents, letters and procurations, between the fourteenth and sixteenth centuries, part of the period known Middle Portuguese, and the analysis of linguistic data present in the manuscripts, in a way that we can contribute with the studies of the history of Portuguese language and its periodization. We expect to find results that can be compared with those already existent in order to increase the availability of studying material about Middle Portuguese, in addition to the contribution to periodization of Portuguese language. We highlight the relevance of knowing the texts and their materials for only with this knowledge is possible to get to know their history.

KEYWORDS: Portuguese Philology; Historical Linguistics; Portuguese Periodization; Middle Portuguese.

INTRODUÇÃO

[...] apesar das achegas muito significativas que, nos últimos anos, autores como Castro (2006) e Cardeira (2005) trouxeram a esta questão, a periodização da História da Língua Portuguesa permanece em aberto, porquanto, ainda que útil, qualquer periodização é sempre uma abstracção. (BANZA e GONÇALVES 2018: 15)

Compreender a história da língua portuguesa é, de certa forma, conhecer a história dos textos que serviram de base para tal compreensão. Se como afirma Mattos e Silva (1991: 28), “o conhecimento de qualquer estágio passado de qualquer língua - se ela é documentada por algum tipo de *escrita* ou de *inscrição* - é sempre fragmentado, porque fragmentário é o espólio de que dispõe o pesquisador”, à medida que novos textos sejam localizados e estudados ou antigos sejam retomados e analisados por meio de diferentes perspectivas interdisciplinares, a questão da periodização do português passará a ser menos aberta, abstrata e mais relacionada a aspectos da própria língua, pelo menos em seu contexto escrito. “Dependendo os estudos diacrônicos, em grande parte, deste tipo de fontes, é de particular relevância que estas sejam tão abundantes quanto possível” (BANZA e GONÇALVES 2018: 13).

A história da língua portuguesa em seu contexto europeu possui um conjunto documental consagrado, citado em quase todas as obras em que se busca reconstituir a trajetória do português diacronicamente, como por exemplo, Nunes (1945), Said Ali (1965), Silva Neto (1970), Coutinho (1970), Cardeira

(2006), Castro (2006). No contexto brasileiro, embora haja estudos consolidados que possibilitam compreender como se caracteriza o que se denomina Português do Brasil e as suas particularidades em relação ao Português de Portugal, - como são os casos do *Projeto Para a História do Português Brasileiro* (PHPB) e as suas subdivisões regionais, entre elas, o *Projeto Para a História do Português Paulista* (PHPP) - o alcance do conjunto documental reunido e estudado ainda não possui o mesmo estatuto do conjunto português. Soma-se a isso o fato de que, para os estágios mais antigos da língua portuguesa no Brasil, a busca extrapola as fronteiras marítimas e adentra o velho continente, justamente para preencher a lacuna de textos produzidos em terras brasileiras referentes aos primeiros séculos de colonização, numa retomada de documentação de um período denominado *português médio*.

Atribuída a Lindley Cintra (CASTRO 1999), tal denominação abrange um período caracterizado por um feixe de grandes transformações que afetaram todos os estratos do sistema linguístico do português (CASTRO 1999: 367), situado entre os séculos XIV e XVI. Embora a história da língua portuguesa tenha sido dividida por alguns autores com critérios variáveis (CASTRO 2006), o período a que se refere este estudo, com denominações diferentes, já possuía uma classificação ou pelo menos já era observado com características peculiares por determinados pesquisadores: 1) fase que se caracteriza pelo seu aspecto de transição, na qual alguns fenômenos correntes na fase anterior, ainda que persistindo, já denunciam acentuada tendência de mudança (BECHARA 1991: 69-70); 2) coexistência de “formas e os tratamentos próprios da etapa anterior com formas e tratamentos que já anunciam o português do período clássico” (MAIA 1995: 79); 3) simples transição entre o que ficou conhecido como português antigo e clássico (CASTRO 1999); 4) “mais do que período de transição, pode definir-se como um período crítico, crucial na história da língua portuguesa” (CARDEIRA 2005: 292), associado à expansão da língua, tendo sido este o estado de língua trazido para a América Portuguesa, daí sua importância para os projetos brasileiros de história da língua portuguesa (MONTE e FACHIN 2016).

Tendo em vista essas considerações e a tentativa de ampliar o conhecimento sobre a história do português europeu e brasileiro, em especial o conhecimento sobre documentos manuscritos produzidos ao longo do *português médio*, sua relação com os dados levantados por Cardeira (2005, 2009) e com o processo de expansão⁴ do português a partir do século XIV, este artigo apresenta um estudo filológico com viés linguístico-histórico de cartas e procurações dos séculos XIV, XV e XVI, produzidas no norte de Portugal. O artigo busca, dessa forma, fortalecer a relação entre Filologia e Linguística Histórica, demonstrando a importância do olhar filológico sobre os textos para recolher dados linguísticos e históricos fidedignos e contextualizados, que contribuam para a história da língua portuguesa. É importante que se ampliem as fontes genuínas que testemunham o estado de língua pretérito e propiciem novas análises, a fim de ampliar a discussão sobre as transformações do português ao longo dos anos. O *corpus* e o estudo filológico em questão se enquadram no âmbito do projeto *Fontes para a História da Língua Portuguesa: edição de manuscritos dos períodos médio e clássico*⁵, vinculado ao grupo de pesquisa ETeP - Edição de Textos em Português, desenvolvido na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

O trabalho se constituiu em duas vertentes, Filológica e Linguística Histórica. No plano filológico, fizeram-se as edições semidiplomáticas de dez procurações e dez cartas dos séculos XIV ao XVI do norte de Portugal, documentos manuscritos retirados do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. No plano linguístico, foram levantados e analisados dados de acordo com os

⁴ De acordo com Castro (2006, p. 53), “muito mais interessante, e próximo da verdade, será encarar a história da língua portuguesa como repartida em duas grandes unidades cíclicas, reflectindo a história da ocupação do território, a formação do estado e os grandes movimentos da nação. O primeiro movimento a considerar pode ser apresentado como uma transplantação inicial da língua [...] O segundo movimento, igualmente para sul, consiste em um salto para fora da Europa. [...] Estes dois movimentos sucessivos de crescimento da língua portuguesa permitem-nos reconhecer a presença e a acção de dois ciclos evolutivos, separados por uma cesura no séc. XV [...]”: 1. o ciclo da formação da língua, entre os séculos IX e XV; 2. o da expansão da língua, a partir do século XV.

⁵ Coordenado pelo Prof. Dr. Sílvio de Almeida Toledo Neto, o subprojeto a que se vincula a presente pesquisa tem como objetivo apresentar a edição fidedigna de textos manuscritos paulistas, lavrados nos séculos XVI e XVII, que venham a servir de base para estudos linguísticos do período, sendo que, para a segunda metade do século XV e primeira metade do século XVI, elegem-se textos em português produzidos em Portugal.

fenômenos que caracterizam o português médio, conforme o trabalho de Esperança Cardeira (2005, 2010, 2013): inserção de iode na sequência -eo, -ea; síncope de -d- no morfema número-pessoal; substituição da terminação nominal -vil por -vel; substituição dos participios em -udo por -ido, nos verbos da 2^a e da 3^a conjugações latinas; e desaparecimento das formas átonas dos possessivos; e a convergência em -ão das terminações nasais.

Este artigo está dividido em três partes. Na primeira, apresentam-se os documentos que compõem o *corpus* do estudo; na segunda, o referencial teórico e a metodologia aplicada; na terceira, a análise de dados linguísticos do *corpus* e os resultados da pesquisa, alcançados em comparação aos que caracterizam o período do português em questão, com base em estudos de importantes pesquisadores, como Rosa Virgínia Mattos e Silva, Esperança Cardeira e Ivo Castro.

1. DESCRIÇÃO DO *CORPUS*: CARTAS E PROCURAÇÕES DOS SÉCULOS XIV, XV E XVI

O material que compõe o *corpus* deste estudo está localizado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, da Colegiada de Santa Maria de Oliveira e do convento de São Bento de Avis, norte de Portugal. Trata-se das espécies documentais denominadas *cartas*⁶ e *procurações*⁷, produzidas entre os séculos XIV e XVI. Para este artigo, foram selecionadas *procurações* do D. Afonso, D. Henrique, D. João III e D. Brites de Meneses, e *cartas* do quarto Duque de Bragança, D. Jaime I (1479 – 20 de setembro de 1532); Dom Duarte I, quarto Duque de Guimarães (7 de Outubro de 1515 – 20 de Setembro de 1540); e Cardeal Infante D. Henrique I (31 de janeiro de 1512 – 31 de janeiro de 1580),

⁶ De acordo com Bellotto (2002: 51), carta se caracteriza como documento não-diplomático, mas de desenho mais ou menos padronizado, informativo, ascendente, descendente, horizontal, conforme o caso.

⁷ De acordo com Bellotto (2002: 81), esse documento se caracteriza como um documento diplomático informativo, notarial. É instrumento pelo qual uma pessoa recebe de outras poderes, em nome delas, para praticar atos ou administrar bens. Embora a caracterização de Bellotto tenha tido como base documentos do Brasil colonial, a sua conceituação serve como referência para o tratamento das procurações. Com o desenvolvimento do estudo, poderemos confirmar como se caracterizam os documentos do *corpus*.

conhecido como o Cardeal-Rei, irmão mais novo de D. João III.

O quadro abaixo lista os documentos que compõem o *corpus*, seguidos de sua datação, conforme o próprio site do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

	Nome do documento	Datação
1	Procuração de Fr Fernando Rodrigues, mestre da ordem de Avis a Martinho Esteves Godinho, seu escudeiro, dando-lhe poderes para tomas psse dos padroados das igrejas que D. João I havia dado à ordem de Avis	1394-09-02
2	Procuração para tomar posse de São Torcato em Telões e São Gens	1474-10-26
3	Procuração do Duque D. Jorge para o prior do Crato e o bispo de Tânger celebrarem o contrato de seu casamento	1500-05-03
4	Procuração bastante de Francisco Machado para Rui Freire de Andrade receber do almoxarife de Viseu uma tença, que nele lhe vai carregada	1513-07-01
5	Procuração em pública forma que fez Francisco Mendes a seu irmão Gonçalo Mendes para que em seu nome podesse pedir e receber do almoxarife ou recebedor do almoxarifado de Viseu, as quantias aqui declaradas e delas passar conhecimento de recibos em seu nome	1515-11-06
6	Procuração do cardeal D. Afonso, infante de Portugal, para o Doutor João de Faria requerer ao papa Adriano licença, para aforaros lugares de Monte Agraço, pertencentes à câmara e mesa pontifical	1522-07-14
7	Procuração do infante D. Henrique para João Álvares, cônego do mosteiro de S. Jorge, tomar posse do dito mosteiro	1523-05-02
8	Procuração do prior e freis conventuais da ordem de Cristo do convento de Tomar para o rei, com livre e geral administração dos bens do dito convento e demandar todas as dívidas, que à dita ordem se devessem	1523-07-29
9	Procuração que o rei D. João III fez a Francisco Lobo, escudeiro e fidalgo da casa, para tratar de coisas nos reinos do imperador	1527-08-08
10	Procuração de D. Brites de Meneses, mulher do conde de Marialva, para Antão Soares e outros requererem o que lhe pertencia a respeito da execução do testamento do infante D. Fernando	1535-05-19

Tabela 1: Lista de documentos que compõem o *corpus*. Fonte: os autores.

	Nome do documento	Datação
1	Carta do Duque [de Bragança] sobre a apresentação de murça	1496-06-25
2	Carta do Duque [de Bragança] aos juízes em favor deste cabido	1498-01-23
3	Carta do Duque [de Bragança], D. Jaime, sobre se dar uma conezia a Mendo Anes	1500-09-19
4	Carta do Duque de Bragança às Dignidades, Cônegos e Cabido da Igreja colegiadas da Vila de Guimarães	1509-06-08

5	Carta do Duque de Bragança sobre irem Cónegos acompanhar o duque e serem contados	1518-07-30
6	Carta do Duque de Bragança para que o carniceiro do Cabido possa cortar fora do açougue da Vila	1528-02-12
7	Carta do Infante D. Duarte, sobre se anexar uma conezia à fábrica	1538-12-03
8	Carta do Cardeal D. Henrique sobre as visitasões	1539-01-04
9	Carta do “Cardeal Infante D. Henrique que se façam procissões”	1539-04-29
10	Carta do Cardeal Infante D. Henrique, ao Prior e Cabido, que não apelem das visitasões do arcebispo e apontamentos do Cardeal pelos quais se fez a concórdia nova	1552-05-30

Tabela 2: Lista de documentos que compõem o *corpus*. Fonte: os autores.

As cartas e as procurações que compõem o trabalho em questão foram editadas semidiplomaticamente, em razão do caráter conservador desse tipo de edição, permitindo desenvolver abreviaturas e fazer inferências de pontos lacunosos, por meio de sinais que indicam claramente o caminho do editor, conforme as *Normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português do Brasil*, presentes em Cambraia, Cunha, Megale (1999: 23-6). Como exemplo, apresentam-se as Normas e a edição de dois documentos, um datado de 26 de outubro de 1474, outro de 21 de janeiro de 1498.

Normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do português do Brasil

1 A transcrição será conservadora.

2 As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas na abreviatura, obedecendo aos seguintes critérios:

a) respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiosincrasias ortográficas do escriba, como no caso da ocorrência “munto”, que leva a abreviatura “m.^{to}” a ser transcrita “munto”;

b) no caso de variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, a opção será para a forma atual ou mais próxima da atual, como no caso de ocorrências “Deos” e “Deus”, que levam a abreviatura “D. s” a ser transcrita “Deus”.

3 Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: “epor” “ser”; “aellas”; “daPiedade”; “omtónino”; “dosertaõ”; “mostrandoselhe”; “achandose”; “sesegue”.

4 A pontuação original será rigorosamente mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba, será marcado: [espaço]. Exemplo: “que podem prejudicar. [espaço] Os dias passam eninguem comparece”.

5 A acentuação original será rigorosamente mantida, não se permitindo qualquer alteração. Exemplos: “aRepublica; “docomercio”; “edemarcando também lugar”; “Rey D. Jose”; “oRio Pirahy”; “oexercicio; “que hé munto conveniente”.

6 Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.

7 Eventuais erros do escriba ou do copista serão remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a lição por sua respectiva correção. Exemplo: “nota 1. Pirassocunda por Pirassonunga”; “nota 2. deligancia por deligencia”; “nota 3. adverdinto por advertindo”.

8 Inserções do escriba ou do copista na entrelinha ou nas margens superior, laterais ou inferior entram na edição entre os sinais < >, na localização indicada. Exemplo: <fica definido que olugar convencionado é acasa dePedro nolargo damatriz>

9 Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original serão tachadas. Exemplo: “todos niuguun dospresentes assignarom; sahiram saliiiani aspressas para oadro”. No caso de repetição que o escriba ou o copista não suprimiu, passa a ser suprimida pelo editor que a coloca entre colchetes duplos. Exemplo: fugi[[gi]]ram correndo [[correndo]] emdireção opaco.

10 Intervenções de terceiros no documento original, devem aparecer no final do documento informando-se a localização.

11 Intervenções do editor não de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem a dúvida. Quando ocorrerem, devem vir entre colchetes. Exemplo: “não deixe passar neste [registro] de Areas”.

12 Letra ou palavra não legível por deterioração justificam intervenção do editor na forma do item anterior, com a indicação entre colchetes: [ilegível].

13 Trecho de maior extensão não legível por deterioração receberá a indicação [corroídas t 5 linhas]. Se for o caso de trecho riscado ou inteiramente anulado por borrão ou papel colado em cima, será registrada a informação pertinente entre colchetes e sublinhada.

14 A divisão das linhas do documento original será preservada, ao longo do texto, na edição, pela marca de uma barra vertical: entre as linhas. A mudança de fólio receberá a marcação com o respectivo número na sequência de duas barras verticais: ||1v.||, ||2r.||, 2v.||, ||3r||.

15 Na edição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta. Essa numeração será encontrada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Será feita de maneira contínua por documento.

16 As assinaturas simples ou as rubricas serão sublinhadas. Os sinais públicos serão indicados entre colchetes. Exemplos: assinatura simples: Bernardo lose de Lorena: sinal público: [Bernardo lose de Lorena!.

Procuração de 26 de outubro de 1474

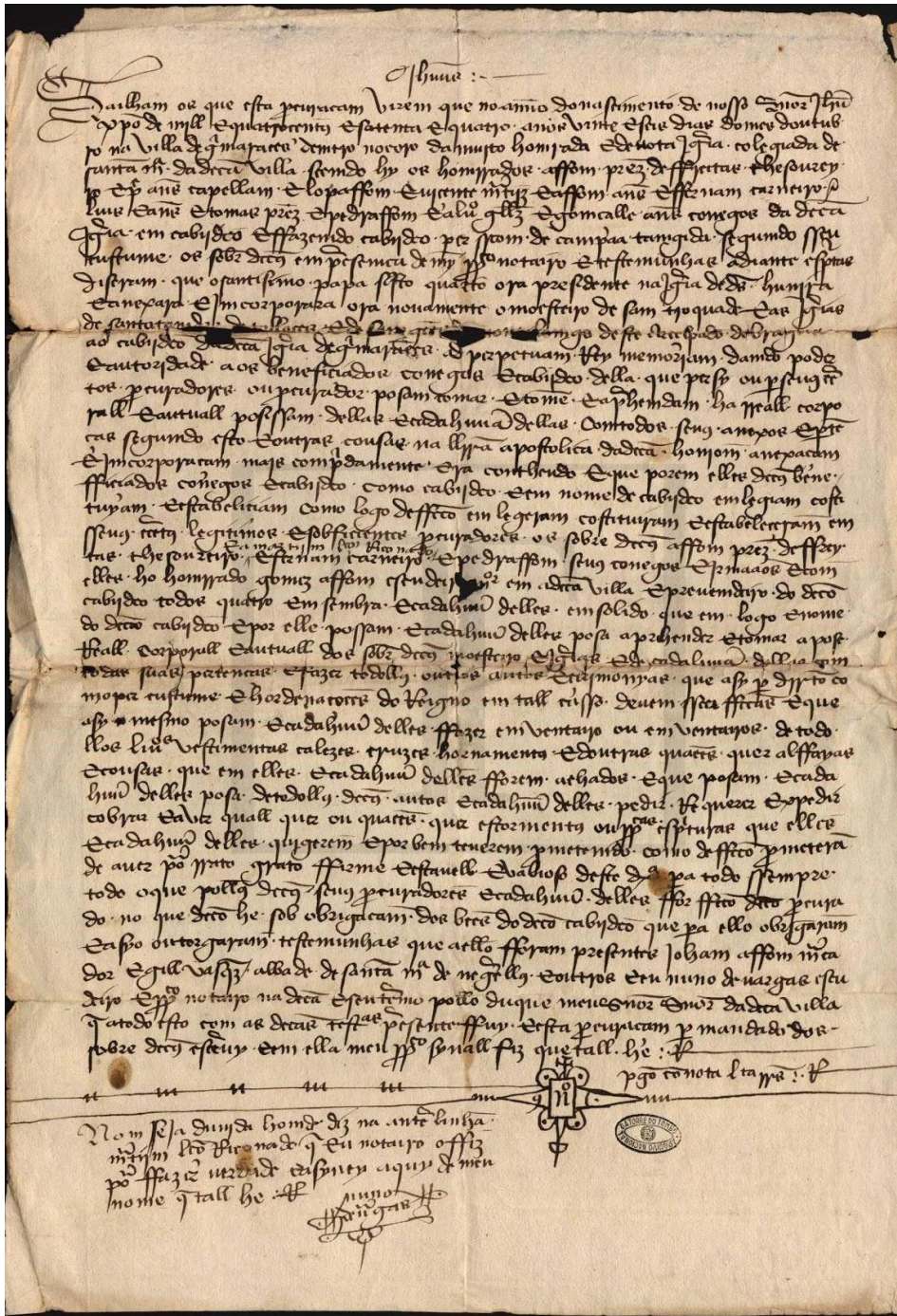


Figura 1: Procuração para tomar posse de São Torcato em Telões e São Gens. Fonte: os autores.

Edição semidiplomática da procuração de 26 de outubro de 1474

||1r.||Jesuus :. |Saibham os que esta procuracam virem que no año do
 nascimento de nosso Senhor Jesus |*cristo* de mjll Equatroçentos Esatenta E
 quatro. anos vinte Eseis dias do mes doutub· |ro na villa de guimaraees demtro
 nocoro da mujto homrada Edeuota Jgreia . colegiada de· |santa Maria da dita
 5 villa seemdo hy os homrrados . affomso . pirez . de ffreitas . Thesourey· |ro
 Epadre anes capellam . E lopaffomso Eujçente martjnz Eaffomso anes Effernam
 carneiro. E |luis Eanes Etomas pirez Epedraffomso Ealvaro gonçallvez
 Egomçalle anes conegos da dita |Jgreia . em cabijdoe Effazemdo cabijdoe . per
 10 ssoom . de campaa tamgida . segundo sseu |custume . os sobre ditos em
 presença de my .publico notário E testemunhas adiante espritas |diseram . que o
 santíssimo . papa sisto quarto ora presidente na Jgreia de *deus* hunjra |Eanexara .
 E Jmcorporara ora nouamente o moesteiro de sam troquade Eas Jgreias |de
 santata[mdre] de [talloees]. Ede s[am] ge[ilegível] to[m][ilegível]lomgo deste
 arçebispado . debragaa |ao cabijdoe da dita Jgreia de guimarãees . ad
 15 perpetuam . Rey memorjam . damdo poder |Eautorjdade. aos beneficiados
 conegos Ecabijdoe . della . que persy ou *per* seus cer |tos . procuradores ou
 procurador. posam tomar . E tomê . Eaprhendam .ha rreal corpo |rall Eautuall
 posissam . dellas Ecada huuã dellas . Comtodos seus .anexos Epertê |ças
 segundo esto Eoutras cousas na lljrã apostolica dadita . honjom anexaçam |E
 20 jmcorporaçam mais compridamente' Era contheudo Eque porem elles ditos
 bene· |fficiados conegos Ecabijdoe . como cabijdoe. Eem nome de cabijdoe
 emlegiam costi |tuyam . Eestabelíçiam como logo deffecõ em legeram constituíram
 Eestabeleçeram em |sseuos. ecertos . legítimos .Esobficiantes procuradores . os
 sobre ditos affomso pirez . Deffrey· |<E a martijm Paços Riconado> tas . the
 25 soureiro. Effernam carneiro . Epedraffomso . seus conegos Ejrmaaos Ecom
 |elles . ho homrrado gomez affomso escudeir[o] [m]orador em adita villa
 Epreuemdeiro . do dito |cabijdoe todos quatro Em sembra . Ecadahuu delles . em

sólido que em logo Enome· |do dito cabijdo Epor elle. possam . Ecadahuu delles
 posa aprhender Etomar apose |Reall Corporall Eautuall dos sobre ditos
 30 moesteiro EJgreias. Ede cada huuã. dellas com |todas suas pertença Efazer
 todollos out[r]os autos Eçírjmonyas . que asy per dirreito co |mo per custume. E
 hordenaçoẽ ã s do Reigno em tall casso . deuem sseer ffeitas Eque |asy mesmo
 posam. Ecadahuu delles .ffazer emventairo ou em emventairos. de todo. |llos
 liuros vestimentas calezes. cruzes .hornamentos .Edoutras quaẽ ã s. quer
 35 alffayas |Ecousas . que em elles. Ecadahuu delles fforem. achados. Eque posam .
 Ecada |huũ delles posa. detodollos . ditos . autos Ecadahũ delles . pedir .
 Requerer Expedír |cobrar Eaver quall quer ou quaẽ ã s . quer estormentos ou
 referências.escripturas que elles |Ecadahuũ delles. qujgerem Epor bem
 teuerem .prometemdo. como deffecõ prometerã |de auer perao rrato grato ffirmo
 40 Eestauell Evalioso deste dia pera todo ssempre. |todo oque pollos ditos seus
 procuradores Ecadahuu. delles ffor ffeito dito procura |do . no que dito he. sob
 obrigacam. dos bẽ ã s do dito cabijdo que pera ello obrjgaram |Easyo
 outorgaram . testemunhas que aello fforam presentes Joham affomso merca |dor
 Egonçalvez vasquez . abbade . de santa Maria de negrellos. Eoutros Eeu nuno de
 45 uargas escu |deíro Epublico notairo na dita Eseutermo pollo duque meusenhor
 Senhor da dita villa |que atodo esto com as ditas testemunhas presente ffuy.
 Esta procuraçam per mandado dos- |sobre ditos escreuy. Eem ella meu publico
 synall fiz que tall. he:. R | pagamento cõ nota [lta] rréis .: R |Nom Seja duujda
 homde díz na antre linha. |Martíjm Paços Riconado que Eu notairo o ffiz |pero
 50 ffazer uerdade Easyney aquy de meu |nome que tall he : R |Nuno |de uargas

Edição semidiplomática da carta de 23 de janeiro de 1498

Eu o duque [ilegível] faço saber Aos lopo uaaz |ouujdor demjnhas terras damtre doiro e |mjnho eaos Juizes eoficiaes damjnha |villa deguymaraes que pelas diujdades co |neguos ecabydo daJgreja desantamaria doliueira |me foy estprito que nam eram trautados co |mo o sempre foram em tempo de meus avoos |e do
 5 duque meu Senhor epadre que deus aja |Redim[i]do me que isso lhes desealguu rreme |deo Epella deuaçam quetenho a dita casa e |desejo detodos receberem omrra efauor como |Sempre receberam <[buscando constante]> eu vos em comendo mujto |emando queasy elles como seus Serujdores SeJa |trautados Eatatados emomodo emaneira que ho |Sempre foram em tempo dos ditos
 10 Senhores e mjlhor |[e mjlhor]] poder Ser[r] por que todo asy em per bem ede |todo me muyto aprazera por Serujço denosa Senhora o que |asy senhores eoutros cunprir efazendo asy me prazer amujto |e nelle deseos e Serujço edo contrajro meallprazea |fecto em lixboa a xxiiij dias dejaneiro diogo den[e]gyeras o |fez ano de mil quatrocentosnoventaeito |[outra grafia] [Jaime o duque] |[outra
 15 grafia] |Encomemda vosa Seja a lopouaaz e aos juizes dignidades as deujdades e co |negos e cabido daJgreja desantamaria, doliueira

2. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA

Pensar as cartas e as procurações que compõem o *corpus* deste estudo com base em uma mirada filológica é considerar o seu estatuto como fonte de pesquisa documental, de acordo com a circunstância histórica, o contexto de produção, a sua materialidade, o estado de língua testemunhado e o seu alcance histórico-cultural. Nas palavras de Bernardes (2015: 299):

No que respeita à investigação, continua a ser impensável trabalhar a partir de textos não aferidos criticamente. Pela sua altíssima especialização, o filólogo continua a revelar-se indispensável para editar um texto e para o reconhecer, pelo menos numa primeira aproximação contextualizadora. Sem esse trabalho, não pode partir-se para nenhuma outra etapa de integração cultural. Mesmo considerando que o conceito de ciência evoluiu, desligando-se progressivamente do modelo positivista, continua a ser necessário preservar uma ética do rigor. [...] É essa base de exatidão que importa não perder de vista, justamente quando o avanço da tecnologia digital veio facilitar o trabalho do filólogo, podendo criar a tentação de um abrandamento de escrutínio.

Do ponto de vista da linguística histórica, em suas diferentes abordagens - sejam elas estruturalista, gerativista, sociovariacionista - há o desafio de definir o seu objeto de estudo e construir, com base nos registros das línguas, as possíveis articulações que ocorrem ao longo do tempo histórico (PAIXÃO DE SOUSA 2006). A linearidade com que se observam e analisam as línguas em sua reconstituição não deve ser confundida com uma linearidade dos acontecimentos, como explica Paixão de Souza (2006: 29):

O ponto principal que precisamos lembrar, portanto, é que trabalhamos com o que o tempo deixou, não com o que aconteceu; em outros termos, nossa análise opera no plano temporal do conhecimento, não no plano temporal dos acontecimentos. Nesse sentido uma “reconstituição” histórica não se dá como reprodução dos fatos em forma de análise, mas como recomposição de narrativas.

Estudar as línguas e as suas mudanças é refletir sobre as implicações epistemológicas (PAIXÃO DE SOUZA 2006: 28) que sua temporalidade possui. Os resultados só podem ser extraídos e estudados a partir dos acontecimentos que estão testemunhados e registrados de alguma forma, ou seja, só é possível estudar aquilo que o passado nos permitiu que conhecêssemos, o que foi dado um juízo de valor e configurado importante para ser preservado. A linguística histórica, nesse sentido, opera em estudar os dados que as línguas dos testemunhos revelam através do tempo (PAIXÃO DE SOUZA 2006: 29).

Tendo em vista a necessidade de se expandir o conhecimento a respeito de testemunhos que possam contribuir para a periodização do português, busca-se analisar filologicamente cada documento, relacionando escritas, épocas, regiões e contexto de produção. Leva-se em conta o texto como parte de uma construção histórica. Mattos e Silva (1983: 78), a respeito disso, ressalta a importância dessa

perspectiva filológica e como ela contribui para a linguística histórica:

Não é preciso repetir que para qualquer trabalho com estágios passados de qualquer língua não se pode fazer linguística sem o apoio do trabalho preliminar do filólogo [...] Sem dúvida esse tipo de trabalho será um suporte fundamental para o momento em que se retorne a pensar na história da língua portuguesa, embasados em teoria e metodologia linguística e não apenas segundo a orientação filológica tradicional em que os fatos exóticos documentados eram privilegiados e não o sistema em seu conjunto e funcionamento.

É com base nisso que se destaca a relevância de um trabalho como este, de análise de documentos - de espécies documentais diferentes -, dos seus contextos histórico-sociais e de como eles se encaixam - e se completam - na linha do tempo do português. Nesse sentido, a periodização da língua portuguesa é uma questão muito levantada nos estudos filológicos e linguísticos devido à divergência dos documentos utilizados para a divisão das épocas da história do português.

Enquanto alguns pesquisadores levam em consideração os fenômenos nos textos literários para a sua periodização, como Serafim da Silva Neto e Pilar Vázquez Cuesta, outros observam os fatos linguísticos de testemunhos literários e não-literários. Mattos e Silva (1994) afirma a necessidade de se tomar e retomar a documentação remanescente dos períodos “com o objetivo de nela buscar as respostas para tais questões.” (MATTOS E SILVA 1994: 251). A autora ainda sugere que se considerem os trabalhos de periodização realizados por Leite de Vasconcelos e Lindley Cintra, que a partir do final do século XII nomeiam o período, respectivamente, de arcaico e antigo, em que são encontrados os primeiros documentos em português.

Dante Lucchesi, em outra perspectiva, defende uma proposta de periodização da história do português brasileiro que procura “integrar os processos linguísticos na matriz mais ampla dos processos sócio-históricos” (LUCCHESI 2017: 376). O autor reitera sua fundamentação em processos linguísticos, observando a presença majoritária de línguas indígenas até 1532 e que eventualmente a partir daí observa-se um período nomeado por ele de “multilinguismo generalizado”, que se caracteriza por um processo de pidginização/ crioulização do português.

3. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

O trabalho se constituiu em duas vertentes, Filológica e Linguística Histórica. No plano filológico, fizeram-se as edições semidiplomáticas de dez procurações e dez cartas dos séculos XIV ao XVI do norte de Portugal, documentos manuscritos retirados do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. No plano linguístico, foram levantados e analisados dados de acordo com os fenômenos que caracterizam o português médio, conforme o trabalho de Esperança Carneira (2005, 2010, 2013): inserção de iode na sequência -eo, -ea; síncope de -d- no morfema número-pessoal; substituição da terminação nominal -vil por -vel; substituição dos participios em -udo por -ido, nos verbos da 2^a e da 3^a conjugações latinas; e desaparecimento das formas átonas dos possessivos; e a convergência em -ão das terminações nasais. Entre todos esses fenômenos, o último produziu resultado mais expressivo em termos quantitativos e, a partir disso, fizemos um recorte, como mostraremos a seguir, contextualizando o fenômeno na história da língua portuguesa.

Especificamente sobre a questão das terminações nasais, Carneira (2013: 547) chega à seguinte constatação:

A documentação que observei revelou que entre 1375 e 1475 a oscilação gráfica e a adoção de grafias não etimológicas apresentam um claro crescimento que atesta a tendência para a convergência: se em 1400 as grafias que não correspondem à terminação etimológica não chegam a perfazer 5% do total de formas registadas na documentação analisada, em 1475 já se aproximam dos 30%, o que aponta para uma inversão da tendência no último quartel de Quatrocentos.

Ao analisarmos os dados totais da nossa pesquisa, os resultados obtidos se distanciaram das análises feitas por Esperança Carneira, apesar de ter sido utilizada a mesma base analítica. De acordo com cada espécie documental, os dados refletem de forma mais clara a formação dos resultados totais do *corpus*.⁸ Foram utilizados os valores absolutos na composição dos gráficos, uma vez que

⁸ Não foram incluídas na análise as conjugações relacionadas ao verbo *poder*, palavras com abreviaturas e nomes próprios.

com as frequências (em %) não demonstraram resultados distintos.

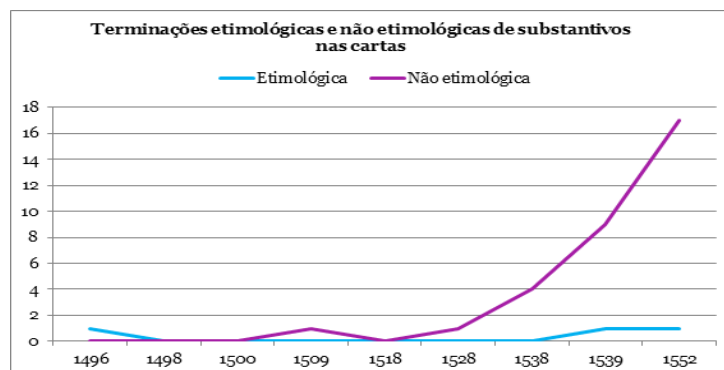


Gráfico 1: Terminações etimológicas e não etimológicas de substantivos nas cartas. Fonte: os autores.

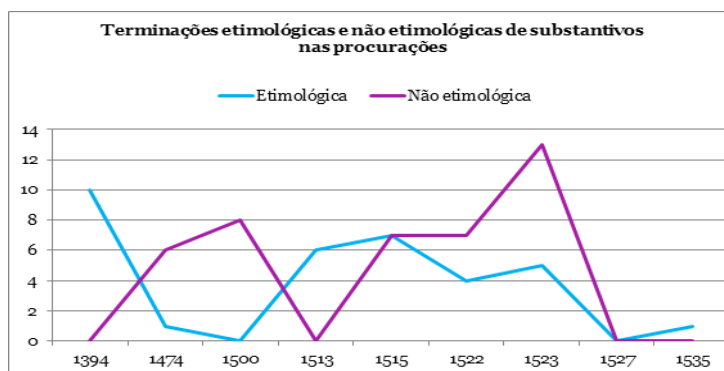


Gráfico 2: Terminações etimológicas e não etimológicas de substantivos nas proações. Fonte: os autores.

As terminações etimológicas de substantivos presentes na análise das cartas, por exemplo, aumentam a partir de 1538, enquanto que as terminações não etimológicas têm um aumento significativo em 1528 que continua crescendo até a data da última carta analisada, na metade do século XVI. Os dados obtidos da análise das proações mostram uma maior oscilação do que os observados nas cartas. De fato, não é possível observar a convergência em -ão, pelo contrário, os dados das terminações etimológicas da proação do ano de 1527 voltam a crescer, enquanto os das terminações não etimológicas decrescem.

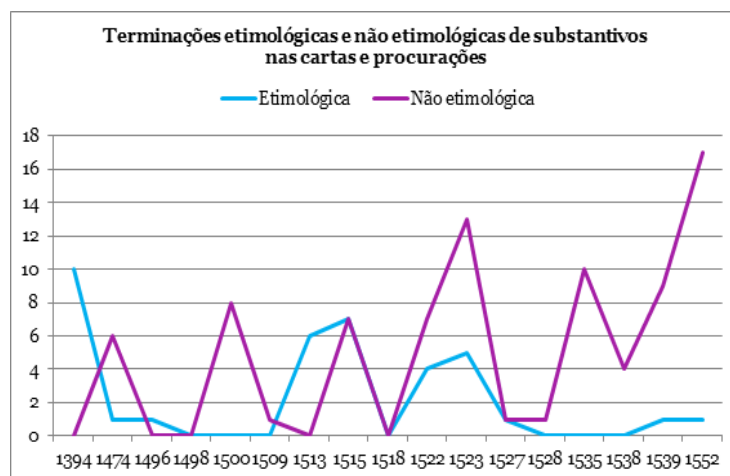


Gráfico 3: Terminações etimológicas e não etimológicas de substantivos nas cartas e proclamações. Fonte: os autores.

No gráfico, os dados totais, das terminações etimológicas e não etimológicas de substantivos, encontrados nas cartas e proclamações demonstram uma oscilação das terminações entre o final do século XIV e 1518. Em 1527, há uma tendência ao crescimento de terminações não etimológicas, e as etimológicas diminuem até 1538, quando sofrem aumento pouco significativo. Quanto aos verbos, tanto nas cartas quanto nas proclamações, apresentam um conjunto de dados menor.



Gráfico 4: Terminações etimológicas e não etimológicas de verbos nas cartas. Fonte: os autores

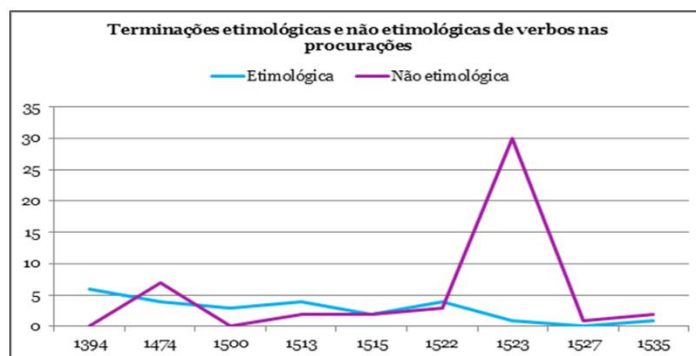


Gráfico 5: Terminações etimológicas e não etimológicas de verbos nas procurações. Fonte: os autores.

Os dados das cartas revelam um número pouco significativo, apenas 2 verbos, “eram” e “ornam”, que não permitem uma análise mais precisa. Em contrapartida, nas procurações, os dados de terminações não etimológicas indicam um pico em 1523, no entanto, há uma queda no número de dados até 1527, em que ambas as terminações se estabilizam até pelo menos 1535.

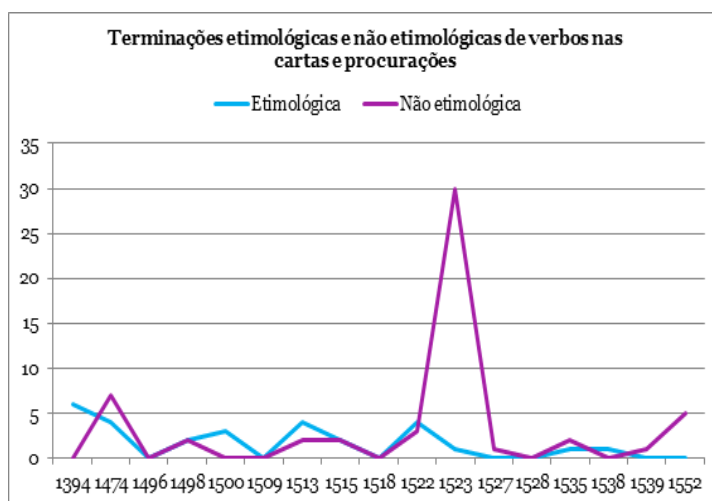


Gráfico 6: Terminações etimológicas e não etimológicas de verbos nas cartas e procurações. Fonte: os autores.

O resultado total das terminações dos verbos indica uma predominância clara de terminações não etimológicas entre 1518 e 1527. A partir desse intervalo, ambas as terminações apresentam o número de incidências muito semelhante. As palavras gramaticais nas duas espécies documentais apresentam maior

divergência.

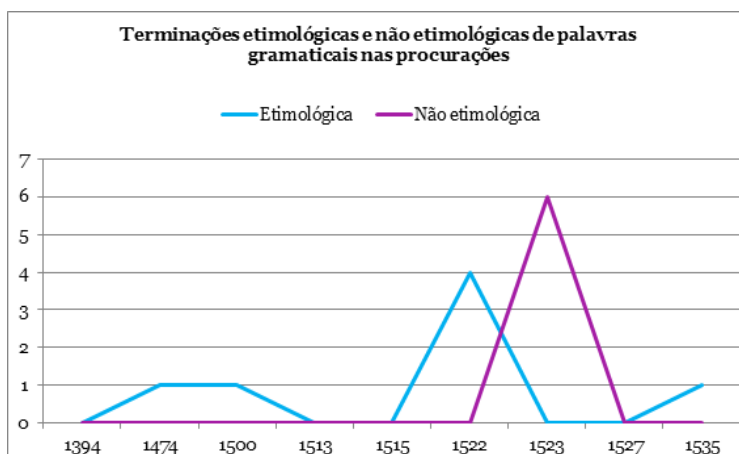


Gráfico 7: Terminações etimológicas e não etimológicas de palavras gramaticais nas procurações. Fonte: os autores.

Apesar de ambos os gráficos indicarem um aumento de terminações não etimológicas em 1518, as cartas apontam para um aumento mais significativo em 1539; enquanto que as procurações, depois do aumento em 1522, apresentam um declínio em 1523 que se mantém até 1535.

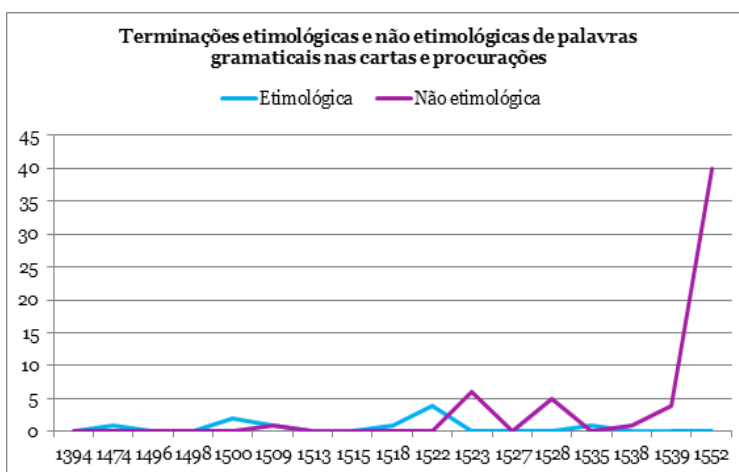


Gráfico 8: Terminações etimológicas e não etimológicas de palavras gramaticais nas cartas e procurações. Fonte: os autores.

Quanto ao total de dados sobre palavras gramaticais, há a oscilação de ambas as terminações até 1539 que apresenta 4 dados de terminações não etimológicas. Já em 1552, há um crescimento significativo de 44 dados não

etimológicos.

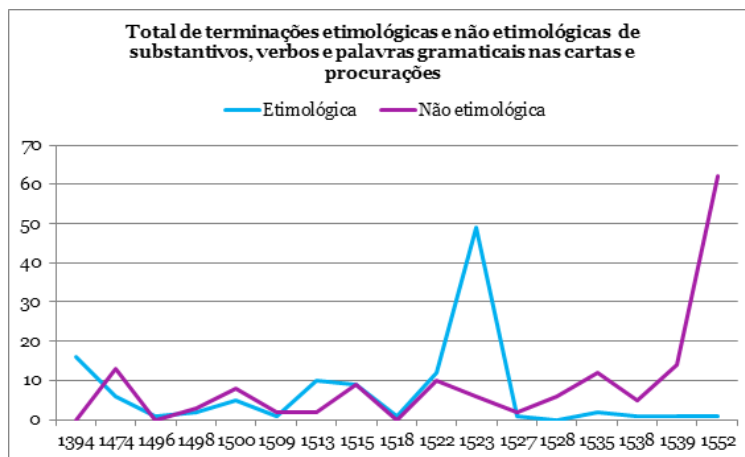


Gráfico 9: Terminações etimológicas e não etimológicas de substantivos, verbos e palavras gramaticais nas cartas e procurações. Fonte: os autores.

No gráfico, os dados totais, com valores absolutos, de terminações etimológicas e não etimológicas de substantivos, verbos e palavras gramaticais das cartas e procurações revelam uma oscilação gráfica de terminações etimológicas e não etimológicas até o ano de 1523, e a tendência para ditongação apenas é observada a partir de 1527. Desse modo, não foi possível afirmar uma estabilização do processo de convergência em *-ão*, nem dá-lo como completo, como afirma Esperança Cardeira (2005, 2010, 2013), pois, na análise dos dados ao longo dos séculos XIV, XV e da primeira metade do século XVI, e de cada documento, observou-se mais variação e irregularidades do que estabilização e o crescente número de terminações não etimológicas e a convergência em *-ão*. Resultados semelhantes aos encontrados por Monte e Fachin (2016), por meio de análise de contratos dos séculos XV e XVI. Pode-se acrescentar ainda o número pouco significativo de palavras com terminação em *-ão*, as quais, quando ocorreram, correspondiam à terminação etimológica *-anum*, como *irmão*, *mão*, *capelão*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observarmos o considerável conhecimento que temos a respeito da história das línguas, da sociedade, de seus costumes, de práticas religiosas, educacionais e administrativas, encontramos, como um dos seus principais propagadores, os textos. Testemunho histórico, linguístico, cultural, o qual abrange, portanto, um conjunto variado de áreas do conhecimento. Tendo em vista os diferentes níveis de tratamento e abordagens teórico-científicas aplicados em pesquisas no contexto acadêmico, o resultado de diferentes estudos remete também a um diversificado conjunto de aspectos.

O estudo apresentado neste artigo, tendo em vista a importância dos textos para a história da língua portuguesa, procurou evidenciar também a relevância do labor filológico, aliado ao estudo linguístico-histórico, com base em manuscritos produzidos entre os séculos XIV e XVI. Os resultados alcançados indicam que, embora com periodizações da história da língua portuguesa estabelecidas, com textos já consagrados para cada época, no contexto da escrita do *corpus*, os dados revelam um caráter conservador dos textos, mesmo nas cartas, não-diplomática, um pouco contrastante com o que Cardeira (2005) alcançou com base em manuscritos da mesma espécie documental. O recorte linguístico selecionado, portanto, referente à convergência em -ão das terminações nasais, presente nas cartas e procurações, ocorre posteriormente ao indicado nos estudos da pesquisadora. Evidencia-se, dessa forma, a necessidade de novos estudos, com o objetivo de ampliar o conhecimento de textos manuscritos que documentam as diferentes práticas de escrita ao longo dos séculos, essenciais para compreender as transformações que o português sofreu.

REFERÊNCIAS

BANZA, Ana Paula e GONÇALVES, Maria Filomena. Roteiro de História da Língua Portuguesa. In: *UNESCO Chair in Intangible Heritage and Traditional Know-How: Linking Heritage*. University of Évora. 2018.

BECHARA, Evanildo. As fases da língua portuguesa escrita. In: *Actes XVIII Congrès Int. de Linguistique et Philologie Romanes*, III, Tübingen, 1991.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo*. São Paulo, Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BERNARDES, José António Cardoso. A Filologia perene e o ideal da bata branca. In: CONDÉ, Valéria Gil; MONGELLI, Lênia Márcia; VIEIRA, Yara Frateschi (orgs). *Carolina Michaelis de Vasconcelos: Uma Homenagem*, São Paulo, FFLCH-USP, 2015.

CAMBRAIA, César Nardelli, CUNHA, Antônio Geraldo da, MEGALE, Heitor. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. São Paulo: Série Diachronica, 1, Humanitas, 1999.

CARDEIRA, Esperança. *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

_____. Revisitando a periodização do português: o português médio. *Domínios de Linguagem*, ano 3, no 2, 2009.

_____. Português Médio: uma fase de transição ou uma transição de fase?. *Diacrítica*, Coerências da Linguagem, 23, 2010.

_____. Do Português Médio ao Clássico: o Cancioneiro Geral de Garcia de Resende. In: HERRERO, Emili Casanova; RIGUAL, Cesareo Calvo (Eds.). *Actas del XXVI Congreso Internacional de Lingüística y de Filología Románicas*, Valencia. Vol. I. De Gruyter, 2013.

CASTRO, Ivo. O português médio segundo Cintra. In: *Lindley Cintra: Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa, Cosmos & Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999.

_____. *Introdução à História do Português*. Lisboa: Ed. Colibri, 2006.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

LUCCHESI, Dante. A periodização da história sociolinguística do Brasil. *Delta*, São Paulo, v. 33, n. 2, 2017.

MAIA, Clarinda de Azevedo. *História da Língua Portuguesa*. Coimbra: Guia de Estudo, 1995.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Reencontro da filologia e da linguística nos estudos diacrônicos. *Linguagem*, Rio de Janeiro, 1983.

_____. *O português arcaico: Fonologia*. São Paulo/Bahia: Contexto/Editora Universidade Federal da Bahia, 1991.

_____. Para uma caracterização do período arcaico do português. *Delta*, vol. 10, volume especial, 1994.

MONTE, Vanessa Martins do e FACHIN, Phablo Roberto Marchis. Saibham quantos este estormento de contrato virem: análise das terminações nasais em contratos dos séculos XV e XVI. *Labor Histórico*, v.1, 2016.

NUNES, Joaquim Nunes. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*. 4a ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1945.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Linguística Histórica. In: PFEIFFER, Claudia; NUNES, José Horta. (Org.). *Introdução às Ciências das Linguagem: Língua, Sociedade e Conhecimento*. Campinas, Pontes, 2006.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 5ª. ed. São Paulo, 1965.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 2ª. d. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1970.

Artigo recebido em 30 de novembro de 2018.

Artigo aceito em 12 de março de 2019.